

**UM JEITO CLARICE DE SER: análise do livro “A hora da Estrela”, de Clarice Lispector.**

Heber Junio Pereira Brasão<sup>1</sup>

Priscilla Amaral Lima Vilela<sup>2</sup>

Denise Dias Alves Cocco<sup>3</sup>

Cristina Soares de Sousa<sup>4</sup>

**Resumo**

Este artigo consiste em uma análise literária do livro “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector. Além da análise, são apresentadas intertextualidades com outras obras do modernismo brasileiro e com músicas que versam a respeito das vidas de brasileiros pobres e sem importância social. O texto de Clarice apresenta personagens que, não obstante sua insignificância, estão na eterna busca de si mesmos, do significado (ou da ausência de) em suas vidas. Como nos outros textos da mesma autora, o enredo quase não existe, porque o mais importante é a caracterização dos personagens e de suas buscas. Interessante que a autora cria um narrador masculino para sua história (Rodrigo S. M.), também ele nordestino e também em busca do significado de seu viver. E a história tem um terceiro rumo, que é a reflexão metalinguística sobre o ato de escrever.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira. Modernismo. Clarice Lispector. A Hora da Estrela

**Abstract**

This paper is a literary analysis of the book “A Hora da Estrela”<sup>1</sup> wrote by Clarice Lispector. In addition to the analysis, we present intertextualities with other books of Brazilian modernism and with songs that deal with the lives of poor and unimportant Brazilians. Clarice's text presents characters who, despite their insignificance, are in the eternal search for themselves, for the meaning (or the absence of) in their lives. As in other texts wrote by the same author, the plot almost does not exist, because the most important is the characterization of the characters and their searches. Clarice creates a male narrator for her story (Rodrigo S.M.). He comes also from the Northeast and is also in search of the meaning of his life. And the story has a third direction, which is the metalinguistic reflection on the act of writing.

**Keywords:** Brazilian literature. Modernism. Clarice Lispector. The hour of star.

---

1-Licenciado em Letras, Filosofia e Sociologia, Pós graduado em Inspeção, supervisão e orientação escolar, Pós graduado em Linguística, Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba. Coordenador dos Cursos de Ciências Biológicas, Letras e Pedagogia na UNIFUCAMP, Monte Carmelo. MG. [jnhofiat@hotmail.com](mailto:jnhofiat@hotmail.com).  
2-Graduada em Pedagogia, Pós graduada em Administração, Planejamento, Inspeção, Supervisão e Orientação Educacional pela UNIFUCAMP.  
3-Graduada em Ciências Biológicas pelo UNIFUCAMP  
4-Professora, Coordenadora da CPA, do Comitê de Ética e Núcleo de pesquisa do UNIFUCAMP.

## Introdução

*Nasci para escrever. Cada livro meu é uma estreia penosa* (Clarice Lispector)

Este artigo tem como escopo fazer uma análise literária do livro “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, ao mesmo tempo em que se propõe intertextualidade com outras obras do modernismo e com poemas que abordam o Existencialismo.

Em termos gerais, o Existencialismo centra-se na busca de sentido da vida humana. A angústia do homem diante de sua liberdade para escolher o curso que deseja dar à sua vida. Essa escolha é necessária, já que sua existência não está predeterminada, e a maneira de cada indivíduo ser e estar no mundo e de entendê-lo resulta de sua própria opção.

O homem tem a liberdade de optar por uma vida autêntica e questionadora, mas isso provavelmente o levará a enxergar um mundo absurdo em que nada faz sentido e, conseqüentemente, a afundar-se num abismo de perplexidades. Por outro lado, pode refugiar-se na banalidade do cotidiano e nos interesses imediatos, limitados e efêmeros, que, certamente, nunca o deixarão plenamente satisfeito.

As narrativas de Clarice Lispector quase sempre focalizam um momento de revelação, um momento especial em que a personagem defronta-se subitamente com a verdade. Dentro da mesma orientação dos europeus Marcel Proust e James Joyce, ela faz os personagens viverem o processo chamado de “epifania”, ou seja, revelação. Em outras palavras, de repente, diante de ocorrências mínimas, o personagem se descobre e vê revelada uma realidade mais profunda. Muitas vezes, ele mesmo não consegue perceber com clareza que realidade é essa, todavia sua vida ou sua visão mudam.

A palavra “epifania”, de acordo com Houaiss (2010) vem do idioma gregoeipipháneia., do Latim “epifania” e significa uma “aparição ou manifestação divina”. Refere-se a momentos em que o indivíduo tem uma súbita revelação ou compreensão a respeito de si mesmo, como se fosse uma digressão em sua vida cotidiana.

Este texto analítico se divide em sete seções, além desta introdução. Na primeira, traça-se um resumo da biografia de Clarice Lispector e de sua obra. A segunda comenta o título da obra, ou melhor, seus títulos, já que a autora apresenta treze sugestões de títulos para o seu texto. Na terceira, analisa-se resumidamente o enredo do livro. A quarta analisa os personagens da obra, salientando a ausência de importância de suas personalidades. A quinta analisa o enredo, a sexta, o espaço e o tempo e a sétima, a linguagem da obra. Em seguida, são tecidas as considerações finais.

## 1 A autora

Clarice Lispector nasceu no dia 10 de dezembro de 1920, em Tchechelnik, uma aldeia da Ucrânia, terra de seus pais, Pedro e Marieta Lispector. Em fevereiro de 2021, a menina, com apenas dois meses, chega a Maceió, Alagoas, com seus pais e suas duas irmãs, Elisa e Tânia. Em 1934, a família muda-se para o Rio de Janeiro. Em 1943, Forma-se em Direito e casa-se com Maury Gurgel Valente. O marido passa a trabalhar na carreira diplomática, o que leva Clarice a viver em países estrangeiros por mais ou menos dezesseis anos. Sua primeira obra (1944), “Perto do Coração Selvagem”, é um romance. O casal muda-se para a Europa em plena Segunda Guerra Mundial. Em 1978, Clarice morre de câncer, no Rio de Janeiro.

### 1.1 Principais obras

Quadro 1 Principais obras de Clarice Lispector

Ano	Principais obras publicadas
1946	O Lustre (romance)
1960	Laços de Família (contos)
1961	A Maçã no Escuro (romance)
1964	A Legião Estrangeira (contos); Paixão segundo G.H. (romance) obra-prima.
1968	Nos “Diálogos Possíveis com Clarice Lispector”, entrevista personalidades para a revista Manchete. Em 22 de junho, participa, com inúmeros intelectuais, de uma manifestação contra a ditadura militar: a Passeata dos Cem Mil. Nesse ano, também publica um livro de contos infantis “A Mulher que matou os Peixes”.
1969	Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres
1971	Água Viva A Imitação da Rosa (contos)
1974	A Vida Íntima de Laura (infantil) Via Crucis do Corpo (contos) Onde Estivestes de Noite? (contos).
1976	Recebe prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal, pelo conjunto de sua obra.

1977	A Hora da Estrela
1978	Três livros póstumos: Um Sopro de Vida com o subtítulo Pulsações Para não Esquecer, uma coletânea de crônicas Quase de Verdade, entrevistas
1979	A Bela e a Fera (reúne contos da juventude com os de pouco antes da morte da escritora)
1984	A Descoberta do Mundo, reunião das crônicas publicadas no Jornal do Brasil, de 1967 a 1973

Fonte: Organizado pela pesquisadora, autora deste artigo.

## 2 O título

O livro “A Hora da Estrela” tem, na verdade, treze outros títulos, todos eles sugerindo a busca dos personagens. É como se ela delegasse ao leitor a tarefa de escolher o que lhe fosse mais significativo. Todos os títulos são separados pela conjunção alternativa OU, que reforça a necessidade de escolha por parte do leitor

- ( 1 ) A culpa é minha
- ( 2 ) A Hora da Estrela
- ( 3 ) Ela que se arranje
- ( 4 ) O direito ao grito
- ( 5 ) Quanto ao futuro
- ( 6 ) Lamento de um blue
- ( 7 ) Ela não sabe gritar
- ( 8 ) Uma sensação de perda
- ( 9 ) Assovio ao vento escuro
- ( 10 ) Eu não posso fazer nada
- ( 11 ) Registro dos fatos antecedentes
- ( 12 ) História lacrimogênica de cordel
- ( 13 ) Saída discreta pela porta dos fundos.

O título “vencedor” na escolha da autora, é “A Hora da Estrela”, o que é uma ironia cruel do autor/narrador da história. A única fantasia que Macabéa se permitia era a de um dia ser uma estrela de cinema, bela e glamourosa, como Marilyn Monroe, vista e admirada por todos. E essa fantasia é cumprida de maneira cruel, como se verá mais adiante.

### 3. Os desconhecidos ninguéns

Todos os personagens do romance são ninguéns: pessoas sem importância, sem beleza, sem brilho exterior. Caminham pelas ruas sem sequer serem vistos por todos. Pobres, nordestinos, que buscam lutar numa cidade. Não têm apreço por si mesmos, não se consideram importantes, sequer se arriscam a sonhar com uma vida melhor.

#### 3.1 O narrador Rodrigo S.M.

Clarice Lispector cria um narrador homem, para ser o fio condutor da história de Macabéa. É uma ironia da autora, uma ironia ao pensamento que se tem de que a mulher é sensível, chora facilmente, é piegas:

Grito puro e sem pedir esmola. Sei que há moças que vendem o corpo, única posse real, em troca de um bom jantar em vez de um sanduíche de mortadela. Mas a pessoa de quem falarei mal tem corpo para vender, ninguém a quer, ela é virgem e inócua, não faz falta a ninguém. Aliás – descubro eu agora – eu também não faço a menor falta, e até o que escrevo um outro escreveria. Um outro escritor, sim, mas teria que ser homem porque escritora mulher pode **lacrimar piegas** (p. 19, grifo nosso).

O fato de Rodrigo não ter sobrenome e apenas iniciais é uma ironia da autora, porque também ele é tão sem importância quanto Macabéa e quanto às Marias, colegas de quarto da moça.

De acordo com o Código de Processo Civil, os requisitos mínimos para se definir a cidadania são o nome, o sobrenome, nacionalidade, estado civil, profissão, Carteira de Identidade e CPF. Não ter um sobrenome é não ter pertença a uma família, a um clã. Chico Buarque, na música “Meu Guri”, que apresenta a fala da mãe no velório de seu filho morto pela polícia, afirma que o filho lhe trazia generosamente presentes (roubados):

Chega suado, veloz do batente  
traz sempre um presente pra me encabular  
Tanta corrente de ouro, seu moço, que haja pescoço pra enfiar.  
Me trouxe uma bolsa já com tudo dentro: chave, cademeta, terço e patuá,  
um lenço e uma penca de documentos **pra finalmente eu me identificar.**<sup>2</sup>

A pobre mulher, na sua inocência de mãe, só consegue ter documentos identificatórios quando seu filho rouba a bolsa de alguém e lhe oferece, como presente, a oportunidade de identificar-se.

---

<sup>2</sup>HOLANDA, Chico Buarque de. **Meu Guri**. Rio de Janeiro: 1981. Grifos nossos. Cadernos da Fucamp, v.19, n.40, p.184-199/2020

### 3.2 Macabéa

Macabéa, a personagem centro da história, também é uma ninguém. Talvez devesse chamar-se Maria, como suas companheiras de quarto: “Maria da Penha, Maria Aparecida, Maria José e Maria apenas” (p. 29). Seu nome é também uma ironia, é como se um nome não se acoplasse à pessoa, como se estivesse “fora do lugar”.

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (p. 19)

Em outro momento, o narrador afirma:

[...] limito-me a contar as fracas aventuras de uma moça numa cidade toda feita contra ela. Ela que devia ter ficado no Sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra – a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater à máquina. E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa. Embora, ao que parece, não aprovasse na linguagem duas consoantes juntas e copiava a letra linda e redonda do amado chefe a palavra “designar” de modo como em língua falada diria: “desiguinar” (p. 20).

Macabéa tinha dezenove anos, era magra, porque se alimentava muito mal. Comia em pé numa lanchonete, cachorro quente, às vezes um pão com mortadela. Era magra e tinha a pele parda, que, na história, significa sem vida e sem valor, o que a impediria de realizar o sonho de ser uma estrela de cinema.

A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham (p. 21).

Quero neste instante falar da nordestina. É o seguinte: ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzia-se a si. Também eu, de fracasso em fracasso, me reduzi a mim mas pelos menos quero encontrar o mundo e seu Deus. Quero acrescentar, à guisa de informações sobre a jovem e sobre mim, que vivemos exclusivamente no presente pois sempre e eternamente é o dia de hoje e o dia de amanhã será um hoje, a eternidade é o estado das coisas neste momento (p. 22).

Percebe-se que Macabéa e o narrador se fundem um no outro e o desprezo de Rodrigo pela nordestina é mais um desprezo por si mesmo, pela própria finitude.

De uma coisa tenho certeza: essa narrativa mexerá com uma coisa delicada: a criação de uma pessoa inteira que na certa está tão viva quanto eu. Cuidai dela porque meu poder é só mostrá-la para que vós a reconheçais na rua, andando de leve por causa da esvoaçada magreza. E se for triste a minha narrativa?

Depois na certa escreverei algo alegre, embora alegre por quê? Porque também sou um homem de hosanas e um dia, quem sabe, cantarei loas que não as dificuldades da nordestina (p. 23).

[...]

A ação desta história terá como resultado minha transfiguração em outrem e minha materialização enfim em objeto. Sim, e talvez alcance a flauta doce em que eu me enovelarei em macio cipó (p. 23).

Macabéa tinha pouca ou nenhuma autoestima. Jamais se olhava no espelho e o narrador pergunta se seria por vergonha, vergonha ou pudor por ser tão feia. Uma pessoa que “[...]vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando” (p. 25).

[...] dormia de combinação de brim com manchas bastante suspeitas de sangue pálido. Para adormecer nas frígidas noites de inverno enroscava-se em si mesma, recebendo-se e dando-se o próprio parco calor. Dormia de boca aberta por causa do nariz entupido, dormia exausta, dormia até o nunca. (p. 25).

Incapaz de se impor diante da vida, Macabéa era tão quieta que despertava nas pessoas a crueldade de humilhá-la, como uma espécie de vingança contra o lado fraco que todas as pessoas têm. Desde criança, sem pai nem mãe, criada por uma tia que sentia um prazer mórbido em bater nela, dando “cascudos” em sua cabeça. Muito magra, mal alimentada, passava fome e quando apertava muito, comia papel. Não tinha a vaidade própria das mulheres, porque não se via como um ser com direitos nem mesmo a um mínimo de apresentabilidade.

Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Tanto que (explosão) nada argumentou em seu próprio favor quando o chefe da firma de representante de roldanas avisou-lhe com brutalidade (brutalidade essa que ela parecia provocar com sua cara de tola, rosto que pedia tapa), com brutalidade que só ia manter no emprego Glória, sua colega, porque quanto a ela, errava demais na datilografia, além de sujar invariavelmente o papel. Isso disse ele. Quanto à moça, achou que se deve por respeito responder alguma coisa e falou cerimoniosamente a seu escondidamente amado chefe: – Me desculpe o aborrecimento (p.26).

Não tomava banho e constantemente cheirava mal. Quando amedrontada, urinava na roupa.

Olhou-se maquinalmente ao espelho que encimava a pia imunda e rachada, cheia de cabelos, **o que tanto combinava com sua vida**. Pareceu-lhe que o espelho baço e escurecido não refletia imagem algum. Sumira por acaso a sua existência física? Logo depois passou a ilusão e enxergou a cara todo de formada pelo espelho ordinário, o nariz tornado enorme como o de um palhaço de nariz de papelão. Olhou-se e levemente pensou: tão jovem e já com ferrugem. (p. 27)

Chama a atenção a descrição feita pelo narrador. Macabéa não tinha. O verbo, usado como intransitivo realça a ausência de todo e qualquer predicado da personagem. Simplesmente ela não tinha.

(Há os que têm. E há os que não têm. É muito simples: a moça não tinha. Não tinha o quê? É apenas isso mesmo: não tinha. Se der para me entenderem, está bem. Se não, também está bem. Mas por que trato dessa moça quando o que mais desejo é trigo puramente maduro e ouro no estio?) (p. 27).

Quando criança, sua tia, além dos cascudos, sentia um prazer mesquinho em privá-la da única sobremesa de que gostava: goiabada com queijo. É como se tudo conspirasse para a infelicidade da personagem, como se ela nada de bom merecesse na vida. Mas ela não tinha sequer a consciência de que era infeliz, nem mesmo esse laivo de humanidade lhe era permitido. E ela despertava a crueldade no próximo. O narrador diz:

(Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida do que a moça. Porque ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce obediente) (p. 27)

O chefe também se irritava com ela, porque datilografava pessimamente, além de manchar o papel com gordura e suor das mãos. Mas a humildade da moça finda por comovê-lo e não a despede.

Quando vai ao médico, também ele se irrita:

O médico olhou-a e bem sabia que ela não fazia regime para emagrecer. Mas era-lhe mais cômodo insistir em dizer que não fizesse dieta de emagrecimento. Sabia que era assim mesmo e que era médico de pobres. Foi o que disse enquanto lhe receitava um tônico que ela depois nem comprou, achava que ir ao médico por si só já curava. Ele acrescentou irritado sem atinar com o porquê de sua súbita irritação e revolta:

– Essa história de regime de cachorro-quente é pura neurose e o que está precisando é procurar um psicanalista!

Ela nada entendeu mas pensou que o médico esperava que ela sorrisse. Então sorriu (p. 56)

O narrador continua a caracterizá-la como um nada:

Sim, estou apaixonado por Macabéa a minha querida Maca, apaixonado pela sua feiura e anonimato total pois ela não é para ninguém. Apaixonado por seus pulmões frágeis, a magricela. Quisera eu tanto que ela abrisse a boca e dissesse:

– Eu sou sozinha no mundo e não acredito em ninguém; todos mentem, às vezes até na hora do amor, eu não acho que um ser fale com o outro, a verdade só me vem quando estou sozinha. Maca, porém, jamais disse frases, em primeiro lugar por ser de parca palavra. E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz. Não se tratava de uma idiota mas tinha a felicidade pura dos idiotas. E também não prestava atenção em si mesma: ela não sabia (p. 57).

Quando consegue um namorado, ele também se compraz em magoá-la. Interessante é que ela pedia emprestado o rádio das colegas de quarto, mas ouvia a Rádio Relógio, que, em meio ao tic tac das horas, apresentava notícias absolutamente inúteis, que ela memorizava sem entender.

Todas as madrugadas ligava o rádio emprestado por uma colega de moradia, Maria da Penha, ligava bem baixinho para não acordar as outras, ligava invariavelmente para a Rádio Relógio, que dava “hora certa e cultura”, e nenhuma música, só pingava em som gotas que caem – cada gota de minuto que passava. E sobretudo esse canal de rádio aproveitava intervalos entre as tais gotas de minuto para das anúncios comerciais – ela adorava anúncios. Era rádioperfeita pois também entre os pingos do tempo dava curtos ensinamentos dos quais talvez algum dia viesse a precisar saber. Foi assim que aprendeu que o Imperador Carlos Magno era na terra dele chamado Carolus. Verdade que nunca achara modo de aplicar essa informação. Mas nunca se sabe, quem espera sempre alcança. Ouvira também a informação de que o único animal que não cruza com filho era o cavalo. ( p. 34).

E o terrível final: ao sair da cartomante, que lhe predissera um futuro glorioso, “grávida do futuro”, é atropelada por um Mercedes e morre ali, no asfalto, cercada por transeuntes desconhecidos. Seria o único momento em que foi realmente vista, a “Hora da Estrela”, profunda ironia.

Essa impessoalidade derivada da falta de valor social, em decorrência da extrema miséria está presente em outras obras modernistas: Em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, os filhos de Fabiano e de Sinhá Vitória não têm nome: são o filho mais velho, o do meio e o caçula. Mas a cachorra tem nome (Baleia). Essa inversão de valores enfatiza a falta de profundidade psicológica dos personagens. Em “Morte e Vida Severina”, o substantivo próprio transformado em adjetivo também realça a pobreza do personagem.

Somos muitos Severinos  
iguais em tudo na vida:  
na mesma cabeça grande  
que a custo é que se equilibra,  
no mesmo ventre crescido  
sobre as mesmas pernas finas,  
e iguais também porque o sangue  
que usamos tem pouca tinta.  
E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,

morremos de morte igual,  
mesma **morte severina**:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida) (MELLO NETO, 1974. p. 73-79)

A ausência de sobrenomes, de pertença a famílias ou grupos de elite acentua a insignificância dos personagens, a falta de vida interior, açoitados que são pelo cotidiano e pela luta por sobreviver. A respeito de seu nome, Macabéa um dia responde ao namorado: “[...] não sei o que está dentro do meu nome. Só sei que eu nunca fui importante... (p. 48)

### 3.3 Olímpico o namorado

O namorado de Macabéa, com o curioso nome de Olímpico, que remete a divindade, era o contraponto dos sonhos de qualquer mulher, no entanto, foi o único namorado que Macabéa conseguiu. Grosseiro e arrogante, comprazia-se em humilhá-la e seus passeios nada tinham de românticos, exceto que sempre chovia enquanto passeavam e o rapaz disse a Macabéa que ela “só sabia chover”, como se fosse dela a culpa pela chuva.

Também ele era um ninguém, mas para engrandecer-se diante de Macabéa, acrescentou dois sobrenomes que jamais tivera:

Mas ainda não expliquei bem Olímpico. Vinha do sertão da Paraíba e tinha uma resistência que provinha da paixão por sua terra braba e rachada pela seca. Trouxera consigo, comprada no mercado da Paraíba, uma lata de vaselina perfumada e um pente, como posse sua e exclusiva. Besuntava o cabelo preto até encharcá-lo. Não desconfiava que as cariocas tinham nojo daquela meladeira gordurosa. Nascera crestado e duro que nem galho seco de árvore ou pedra ao sol. (p. 49).

– Olímpico de Jesus Moreira Chaves — mentiu ele porque tinha como sobrenome apenas o de Jesus, sobrenome dos que não têm pai. Fora criado por um padraсто que lhe ensinara o modo fino de tratar pessoas para se aproveitar delas ensinara como pegar mulher.

– Eu não entendo o seu nome — disse ela. — Olímpico?

Macabéa fingia enorme curiosidade escondendo dele que ela nunca entendia tudo muito bem e que isso era assim mesmo. Mas ele, galinho de briga que era, arrepiou-se todo com a pergunta tola e que ele não sabia responder. Disse aborrecido:

– Eu sei mas não quero dizer! – Não faz mal, não faz mal, não faz mal... a gente não precisa entender (p. 39)

Durante seus passeios, era grosseiro e avarento com a namorada, que não percebia essa característica. Possuía um dente de ouro e um desejo secreto de ser açougueiro, motivo pelo qual trocou Macabéa por sua companheira de quarto, Glória. Suas indelicadezas não eram sequer percebidas pela moça, enlevada de amor:

Macabéa era na verdade uma figura medieval enquanto Olímpico de Jesus se julgava peça-chave, dessas que abrem qualquer porta. Macabéa simplesmente não era técnica, ela era só ela. Não, não quero ter sentimentalismo e portanto vou cortar o coitado implícito dessa moça. Mas tenho que anotar que Macabéa nunca recebera uma carta em sua vida e o telefone do escritório só chamava o chefe e Glória. Ela uma vez pediu a Olímpico que lhe telefonasse. Ele disse:

– Telefonar para ouvir as tuas bobagens?

Olímpico, além de grosseiro, era avarento:

– [...] Pois olhe vou lhe pagar um cafezinho no botequim. Quer?

– Pode ser pingado com leite?

– Pode, é o mesmo preço, se for mais, o resto você paga.

Macabéa não dava nenhuma despesa a Olímpico. Só dessa vez quando lhe pagou um cafezinho pingado que ela encheu de açúcar quase a ponto de vomitar mas controlou-se para não fazer vergonha. O açúcar ela botou muito para aproveitar.

E uma vez os dois foram ao Jardim Zoológico, ela pagando a própria entrada.

Até as conversas do casal nada tinham de românticas:

As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne-de-sol, carne-seca, rapadura, melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância porque esta, já que passou, é sempre acre doce dá até nostalgia. Pareciam por demais irmãos, coisa que — só agora estou percebendo — não dá para casar. Mas eu não sei se eles sabiam disso. Casariam ou não? Ainda não sei (p. 41-32).

Quando Macabéa lhe segredou o antigo sonho de ser uma estrela de cinema, uma Marilyn Monroe, ele apenas disse:

– Sabe o que eu mais queria na vida? Pois era ser artista de cinema. Só vou ao cinema no dia em que o chefe me paga. Eu escolho cinema poeira, sai mais barato. Adoro as artistas. Sabe que Marylin era toda cor-de-rosa?

– E você tem **cor de suja**. Nem tem rosto nem corpo para ser artista de cinema.

– Você acha mesmo?

– Tá na cara.

Olímpico troca Macabéa por Glória, sua colega de trabalho, que tinha uma sensualidade suburbana

Olímpico na verdade não mostrava satisfação nenhuma em namorar Macabéa— é o que eu descobro agora. Olímpico talvez visse que Macabéa não tinha força de raça, era subproduto. Mas quando ele viu a colega da Macabéa, sentiu ela tinha classe. Glória possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. Apesar de branca, tinha em si a força da mulatice. Oxigenava e amarelo-ovo os cabelos crespos cujas raízes estavam sempre pretas. Mas mesmo oxigenada ela era loura, o que significava um degrau a mais para Olímpico. Além de ter uma grande vantagem que nordestino não podia desprezar. É que Glória lhe dissera, quando lhe fora apresentada por Macabéa: “sou carioca da gema!” Olímpico não entendeu o que significava “da gema” pois esta era uma gíria ainda do tempo de juventude do pai de Glória. O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país. Vendo-a, ele logo adivinhou que, apesar de feia, Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade. Enquanto isso o namoro com Macabéa entrara em rotina morna, se é que alguma vez haviam experimentado o quente. Muitas vezes ele não aparecia no ponto do ônibus. Mas pelo menos era um namorado. E Macabéa só pensava no dia em que ele quisesse ficar noivo. E casar Posteriormente de pesquisa em pesquisa, ele soube, que Glória tinha mãe, pai e comida quente em hora certa. Isso tornava-a de primeira qualidade. Olímpico caiu em êxtase quando soube que o pai dela trabalhava num açougue. (p. 50).

Quando Macabéa morre, ele passa de carro, mas não a vê, nem percebe que ela é que morrerá.

Os outros personagens são meras sombras, também sem nome ou com nomes simples: as marias, colegas de quarto de Macabéa, o chefe, o médico de pobres, a cartomante. Todos nomeados por suas profissões, sem verdadeiro significado como seres humanos. Todos são, a seu modo, fabianos, severinos, josés. Os muitos ninguéns que compõem a sociedade de miseráveis.

#### 4 A técnica narrativa

Como já foi dito, o narrador criado para contar a história é um homem, mas ele se confunde com Macabéa. É uma narrativa complexa, centrada em três eixos: a história de Macabéa, as reflexões do narrador (que se coloca como um *alter ego* da escritora) e as reflexões sobre a metalinguagem. Mas esses eixos não vêm separados, ao contrário são mesclados uns nos outros, deixando ao leitor a tarefa de separá-los e construir a narrativa, que nada mais é que a expressão de seus conflitos existenciais. O narrador é onisciente, porque conhece os mais

íntimos pensamentos de Macabéa, mas não consegue compreendê-la, porque não compreende a si próprio, nem ao mundo nem aos outros.

Neste livro, estão presentes algumas das principais características dos autores da terceira fase modernista no Brasil: a análise psicológica mais aprofundada dos personagens, a narrativa interior, o intimismo e o fluxo de consciência.

A história, em si, não tem importância, porque é a história de todo mundo e de ninguém, sem cenas marcantes. Fica no leitor uma sensação amarga de que também ele, leitor, tem um pouco de Macabéa, de Olímpico, do narrador. A narrativa de “A Hora da Estrela” é uma interminável pergunta sobre a condição humana. No enredo se fundem histórias ou eixos distintos e complementares: primeiro, a vida (ou ausência de) de Macabéa, imigrante nordestina que vive uma vida miserável no Rio de Janeiro “uma cidade toda feita contra ela” (p. 20); segundo, a história do autor do livro, identificado como Rodrigo S. M. Ele não tem um rosto definido, mas interfere sistematicamente no enredo; e terceiro, a reflexão metalinguística sobre o ato de escrever.

Essa postura da autora está evidentemente bem coerente com a concepção de obra aberta da literatura (pós)-modernista.

## **5 O tempo e o espaço**

O espaço é a cidade do Rio de Janeiro, mas apenas a faceta percebida por Macabéa, em sua timidez. Não é a cidade maravilhosa, não, é apenas um lugar hostil, com ruas que ela percorre sem conhecer. E o tempo não é cronológico, porque os fatos despertam no narrador reflexões e digressões que se interpõem ao fluxo dos fatos.

## **6 Linguagem e estilo**

O texto de “A hora da Estrela” é semelhante ao de todos os livros de Clarice Lispector. É povoado de uma exacerbação do momento interior dos personagens, a ponto de a própria subjetividade entrar em crise, o que fica bem claro na (des)caracterização de Rodrigo, o narrador. O espírito deles viaja nas asas da memória e da auto-análise. Não se trata, porém, de sondagens psicológicas sentimentais egocêntricas. A inquietação íntima dos personagens se concentra na busca da própria identificação em um cotidiano monótono e vazio.

As camadas mais profundas da consciência humana são removidas pela autora, em busca do significado da existência e, por intermédio dessa busca, ocorre o encontro da Psicologia com a metafísica: conhecer-se para ser.

Há momentos poéticos de rara beleza:

Ah pudesse eu pegar Macabéa, dar-lhe um bom banho, um prato de sopa, um beijo na testa enquanto a cobria com um cobertor. E fazer que quando ela acordasse encontrasse simplesmente o grande luxo de viver (p. 50).

Macabéa entendeu uma coisa: Glória era um estardalhaço de existir. E tudo devia ser porque Glória era gorda. A gordura sempre fora o ideal secreto de Macabéa, pois em Maceió ouvira um rapaz dizer para uma gorda que passava na rua: “a tua gordura é formosura!” A partir de então ambicionara ter carnes e foi quando fez o único pedido de sua vida. Pediu que a tia lhe comprasse óleo de fígado de bacalhau. (Já então tinha tendência para anúncios.) A tia perguntara-lhe: você pensa lá que é filha de família querendo luxo?(p.52)

Deixaria enfim de ser o que sempre fora e que escondia até de si mesmo por vergonha de tal fraqueza: é que desde menino na verdade não passava de um coração solitário pulsando com dificuldade no espaço. O sertanejo é antes de tudo um paciente. Eu o perdo (p.55)

Na maioria da narrativa, o pensamento fica solto. Pequenos fatos exteriores provocam uma longa viagem abstrata das ideias, sem se basear em uma estrutura sequencial da narração. A maneira de escrever de Clarice Lispector é bastante coerente com o seu modo de ser e com o estilo de época em que se enquadra.

A autora não se preocupa em contar uma história. Sua preocupação maior é com as impressões, como ela própria observa: “[...] os meus livros não se preocupam com os fatos em si, porque para mim o importante é a repercussão dos fatos no indivíduo”.

Rompe-se assim a narrativa referencial ligada a fatos e acontecimentos. Em lugar dela, emerge uma narrativa interiorizada, centrada num momento de vivência interior da personagem (ou narrador). Ocorre um casamento entre forma e conteúdo, que consiste na dissociação das unidades narrativas para mostrar a falta de ligações mais profundas na sociedade. Organiza a narrativa em ritmo lento, para contrastar com o movimento da vida nas grandes cidades. Filtra todos os fatos por meio de uma consciência que se isola do conjunto e fica bem caracterizada a solidão do homem moderno.

## 7 Metalinguagem: o ato de escrever

Um elemento fundamental na obra é a reflexão sobre o ato de escrever, uma visão metalinguística da existência. Nesse ponto, o narrador Rodrigo e a autora Clarice se confundem e se fundem em um só. E o interessante é que essa reflexão está diluída em todo o livro. Lembra os belos verbos de Cecília Meireles, em seu poema “Motivo”:

Eu canto porque o instante existe  
E minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste:  
Sou poeta”

O ato de escrever consiste em ordenar a realidade, colocá-la no microscópio, para entender-lhe a essência, que é também a própria essência do ser humano. Logo na dedicatória do romance, Rodrigo-Clarice menosprezam a própria obra, mas ao dedicá-la a autores renomados da arte, ocorre a (re)valorização da história, não por ela mesma, mas por revelar facetas do ser humano:

Pois dedico **esta coisa aí** ao antigo Schumann e sua doce Clara que são hoje ossos, aí de nós. Dedico-me à cor rubra e escarlate como o meu sangue de homem em plena idade e portanto dedico-me a meu sangue. Dedico-me sobretudo aos gnomos, anões, sílfides e ninfas que me habitam a vida. Dedico-me à saudade de minha antiga pobreza, quando tudo era mais sóbrio e digno e eu nunca havia comido lagosta. Dedico-me à tempestade de Beethoven. À vibração das cores neutras de Bach. A Chopin que me amolece os ossos. A Stravinsky que me espantou e com quem voei em fogo. À “Morte e Transfiguração”, em que Richard Strauss me revela um destino? Sobretudo dedico-me às vésperas de hoje e a hoje, ao transparente véu de Debussy, a Marlos Nobre, a Prokofiev, a Carl Orff, a Schönberg, aos dodecafônicos, aos gritos rascantes dos eletrônicos – a todos esses que em mim atingiram zonas assustadoramente inesperadas, todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo **a ponto de eu neste instante explodir em: eu**. Esse **eu que é vós** pois não ser apenas mim, preciso dos outros para me manter de pé, tão tonto que sou, eu enviesado, enfim que é que se há de fazer senão meditar para cair naquele vazio pleno que só se atinge com a meditação. Meditação não precisa de ter resultados: a meditação pode ter como fim apenas ela mesma. Eu medito sem palavras e sobre o nada. O que me atrapalha a vida é escrever (p. 17, grifos nossos).

As reflexões continuam:

Voltando a mim: o que escreverei não pode ser absorvido por mentes que muito exijam e ávidas de requintes. Pois o que estarei dizendo será apenas nu. Embora tenha como pano de fundo – e agora mesmo – a penumbra atormentada que sempre há nos meus sonhos quando de noite atormentado durmo.

Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual – há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês. É visão da iminência de. De quê? Quem sabe se mais tarde saberei. Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lido. Só não início pelo fim que

justificaria o começo—como a morte parece dizer sobre a vida— porque preciso registrar os fatos antecedentes (p. 22).

### Considerações finais

A novela, como já foi dito anteriormente, é uma caracterização da busca do ser humano pelo significado de sua existência. Serem pessoas simples, sem projeção social, não significa que não tenham importância existencial, porque são pessoas. Pelas ruas de todas as cidades, há muitas Macabéas, mulheres apagadas e simples, que têm vergonha até de sonhar. Macabéa tinha vergonha dos poucos momentos em que enfrentava sua sexualidade, que lhe fora ensinada pela tia como pecado.

Ela era calada (por não ter o que dizer) mas gostava de ruídos. Eram vida. Enquanto o silêncio da noite assustava: parecia que estava prestes a dizer uma palavra fatal. Durante a noite na rua do Acre era raro passar um carro, quanto mais buzinassem, melhor para ela. Além desses medos, como se não bastassem, **tinha medo grande de pegar doença ruim lá embaixo dela** – isso, a tia lhe ensinara. Embora os seus pequenos óvulos tão murchos. Tão, tão (p. 32);

As macabéas do cotidiano seguem vivas pelas ruas das grandes cidade e compreendê-las, para muitos de nós, seria uma forma de compreender a nós mesmos em nossa insignificância cósmica. E talvez, esse momento de compreensão fosse, para cada um de nós, a hora da estrela, a hora em que os holofotes se dirigem para o eu interior do homem, tantas vezes maltratado e esquecido.

### Referências

HOLANDA, Chico Buarque de. **Meu guri**. Rio de Janeiro, 1972

HOUAISS, Antônio. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010, versão eletrônica.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1975

MELLO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina e Outros Poemas em Voz Alta**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1974.

MEIRELES, Cecília. Motivo. In: **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1972.

Um jeito Clarice de ser